

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



**DESAFIOS DA ARTICULAÇÃO
ENTRE TEORIA E PRÁTICA
DOCENTE DA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA
NO ENSINO MÉDIO**

SUELY MARILENE DA SILVA

(suelymarilene@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como ocorre a articulação entre a teoria e a prática docente da disciplina de Sociologia em escolas do Ensino Médio da Rende Pública da cidade do Recife. Para fundamentar o estudo, está sendo realizado um apanhado de dados compartilhados entre professores recém-ingressos no ofício docente via concurso público. Como aporte teóricos serão utilizados alguns estudos nas áreas de sociologia e educação. A reintrodução da sociologia como disciplina obrigatória nos currículos do Ensino Médio (Lei 11.684/2008) abriu espaço para a discursão de alguns desafios enfrentados pelos professores dessa disciplina, problemas que estão intimamente vinculados à articulação entre teoria e prática adquiridas nas licenciaturas em ciências sociais.

Palavra-chave: Professores. Teoria. Prática. Ensino de Sociologia.

ABSTRATC

Este trabajo tiene como objetivo analizar cómo la relación entre la teoría y la práctica de la enseñanza de la disciplina de la sociología en las escuelas Escuela de la ciudad de Rende Público de Recife. Para apoyar el estudio, se realizó un resumen de los datos compartidos entre los maestros recién entradas en la enseñanza de la oficina a través de concurso público. Contribución será utilizada como estudios teóricos en los campos de la sociología y la educación. La reintroducción de la sociología como asignatura obligatoria en el currículo de la educación secundaria (Ley 11.684/2008) allanó el camino para discursão algunos de los retos que enfrentan los maestros de los problemas físicos que están estrechamente vinculados a la relación entre la teoría y la práctica adquirida en la ciencia social universitario.

Palabra clave: Teachers. Teoría. Práctica. Enseñando sociología.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a presença do ensino de Sociologia é marcada por constantes intermitências e lutas que há mais de cem anos foram travadas em defesa da inclusão obrigatória das disciplinas de filosofia e sociologia nos currículos de Ensino Médio por meio da Lei 11.684/2008, que alerta o artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Dentro desse contexto, abre-se espaço para discussão acerca da transposição didática dos conteúdos utilizados pelos professores da disciplina frente a pouca tradição do ensino de Ciências Sociais na educação básica.

Este trabalho é parte integrante do esforço intelectual dedicado à minha pesquisa de monografia (TCC), cujo objetivo é analisar qual sentido os professores de sociologia de escolas do Ensino Médio da Rede Pública de Recife atribuem ao seu trabalho docente. Ao debruçar-me sobre esta questão intenciona fortalecer o corpo de pesquisadores que se lançam à pesquisa sociológica sobre a docência da sociologia na educação básica, a fim de pensar em ações concretas que visam discutir e intervir em alguns dos impasses na trajetória de construção da tradição pedagógica da disciplina.

Os sujeitos que compõem o objeto analisado são egressos dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, atuantes como professores de Sociologia em escola de Rede Pública Estadual recifense, em regime de seleção simplificada. Com base na análise das narrativas desses professores, procuro apontar e discutir os principais desafios e transposição didática do conhecimento sociológico.

Primeiramente, faço uma breve reflexão sobre a relação entre teoria e prática docente, no sentido de discutir sobre a transformação dos saberes científicos com saberes escolares. No âmbito da disciplina de Sociologia, o principal desafio consiste na construção de um saber organizado adequadamente ao Ensino Médio. Em segundo momento, discuto os desafios apontados pelos professores de Sociologia do Ensino Médio de Recifense, agrupados em três eixos: dificuldade de caráter pedagógico; Problema de ordem administrativa; Queixas sobre a formação.

No primeiro eixo, destaca-se a relação da sociologia com as outras disciplinas, no que concerne ao grau de domínio dos conteúdos por parte dos alunos; e a dificuldade de adaptação da linguagem dos conteúdos das ciências sociais à realidade dos alunos. No segundo eixo, discute-se o pouco tempo dedicado à disciplina, pois a carga horária da Sociologia só admite uma aula por semana em casa turma; a desvalorização da disciplina por parte dos alunos, pois ela é pouca cobrada nos exames de seleção para o Ensino Superior; a falta de material

didático, pois a disciplina entrou no Ensino Médio sem livro didático; e a sobrecarga do professor que possui um número excessivo de turmas e geralmente não consegue concentrar toda a sua carga horária em uma única escola por fim, no último eixo, há uma breve reflexão sobre as licenciaturas em Ciências Sociais, no sentido de questionar se as formações fornecidas pela instituição de ensino superior realmente preparam o professor para a realidade de sua atividade.

ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA DOCENTE

A relação entre teoria e prática docente denota uma relevância estratégica para se pensar o ensino de Sociologia. O objetivo aqui não é restringir a investigação sobre a prática aos problemas pedagógicos que geram ações particulares, mas sim considerar a influência da realidade social sobre ações e pensamentos e sobre o conhecimento teórico como produto de contextos histórico-sociais, tendo em vista as dificuldades relatadas pelos professores do Ensino Básico.

De acordo com TARDIF (2010, p 235), existe uma concepção tradicional da relação entre teoria e prática, ainda dominante, segundo a qual “[...] o saber está somente do lado da teoria, enquanto a prática ou é desprovida de saber ou carrega um falso saber, baseado, por exemplo, em crenças ideológicas, ideias preconcebidas etc.” Ainda segundo essa concepção, o saber é produzido fora da prática e a única relação mantida com ela é de aplicação para o autor, teoria e prática são elementos indissociáveis, pois

[...] O trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professor. (TARDIF, 2010, p. 234)

Segundo PIMENTA e LIMA (2004), o exercício da docência também possui um caráter técnico, como o de qualquer outra profissão, pois necessita do manejo adequado de técnicas e instrumentos próprios do seu fazer. No entanto, as autoras admitem que somente as técnicas não são suficientes para lidar com a adversidade e a complexidade de situações com as quais os professores se defrontam durante o exercício de seu trabalho. Desta forma, insisto na ideia de que a prática pela prática e o manuseio de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar o equívoco de que há uma prática desvinculada da teoria ou vice-versa.

Para Tardif (2010), a prática docente esta relacionada ao conhecimento dos professores, ou seja, aos seus saberes, ao seu saber-fazer, as competências e às habilidades que servem de base ao seu trabalho no ambiente escolar. Portanto, quando se admite o postulado de que os professores são sujeitos ativos e não veros aplicadores de conhecimento, considera-se a subjetividade desses atores como fator que define um espaço de produção de saberes específicos oriundos da pratica exercida em seu trabalho.

Perrenoud (2001) é outro teórico que concebe os professores como portadores de saberes próprios, definidos pela necessidade de agir na urgência-capacidade de interpretar e diblar as demais diversas situações que não são imediatamente palpáveis e decidir na incerteza, ou seja, avaliam em um contexto incerto e onde não há controle dos resultados. É nessa perspectiva que o autor define o conceito de “competência”, onde o professor é um sujeito movido pela sua capacidade cognitiva e afetiva de lidar com uma séries de situações complexas e imprevisíveis, que são postas à prova no cotidiano do seu trabalho. Para o autor, competência comporta as capacidades de ação, que movimentam saberes para ação docente, que estão relacionados com a teoria, masque não dependem desta.

Nessa perspectiva, com base na critica ao modelo da racionalidade técnica no oficio docente, a questão da transposição didática do conhecimento sociológico e seus desafios ainda possuem um caminho indefinido. Diante dessa realidade, se faz necessários que o professor de sociologia esteja sempre atento a realidade escolar na qual está inserido, aos meios mais adequados de utilização dos recursos didáticos e, principalmente, às peculiaridade do ensino da disciplina de sociologia.

OS DESAFIOS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

Os desafios de ensino de sociologia aqui destacado foram elencados por alguns professores da rede pública de Recife, e que não obrigatoriamente, não são os únicos presentes no cotidiano da disciplina. Além disso, é interessante notar que embora esses desafios estejam dispostos no texto em eixos separados, eles devem ser considerados como componentes intimamente interdependente e conectados.

DIFICULDADES DE CARÁTER PEDAGÓGICO

Não é novidade que a educação brasileira passa por um processo de defasagem do ensino público, pois a maioria dos alunos consegue chegar no nível médio sem saber escrever

corretamente e possuem pouco apreço pela leitura, principalmente por dificuldade de interpretar textos ora, a sociologia é uma disciplina que exige muita leitura e escrita então, como ensinar sociologia para um público que mal sabe ler e escrever?

Segundo os professores consultados, esse fato seria o maior empecilho para a aplicação de provas subjetivas, pois o enunciado das questões é de difícil interpretação para muitos alunos, que, por não entenderem o significado da pergunta, acabam errando a resposta.

De acordo com eles, quando sugerem uma redação, muitas vezes com uma proposta de texto dissertativo-argumentativo, os alunos não conseguem estruturar o pensamento de forma organizada e possuem grandes dificuldades de transcrevê-lo.

Segundo os professores pesquisados, os alunos chegam ao ensino médio sem o devido domínio de conteúdos de disciplina como língua portuguesa e história por conta do fraco acúmulo desses conhecimentos durante o ensino fundamental consequentemente, os professores de sociologia acabam tendo que recapitular conteúdos de outras disciplinas, porque servem como pré-requisito para compreensão do raciocínio sociológico.

Outro problema apontado pelos professores de sociologia da rede pública estadual de Recife é a dificuldade de adaptação dos conteúdos à realidade dos alunos. Isso me remete a pensar sob duas vertentes: A realidade dos alunos, que engloba todos os seus valores pessoais e a visão que estes tem da escola e a realidade dos professores enquanto sujeitos responsáveis pela metodologia de adaptação dos conteúdos sociológicos ao nível médio.

Oliveira e Costa (2009) afirmam que os alunos estão acostumados a refletir aquém do senso comum e possuem hábitos instrumentais e utilitaristas que os impedem de enxergar além do óbvio.

Além disso, são habituados à “decoreba”, à não reflexão sobre o que estudam, mas ao simples consumo de conteúdo, que muitas vezes são visto por eles como “coisa” que nada tem a ver com suas vidas cotidianas e culturais (Oliveira; Costa, 2009, p. 164).

No artigo escrito em parceria com Tomazi, Lopes Junior (04, p. 164) conta sua experiência de supervisor de estágio do curso de ciências sociais em uma sala de aula do 3º ano do ensino médio levou-lhe a pensar sobre “[...] os elementos que constituem o nosso imaginário social sobre jovens e adolescentes e a forma de nos relacionarmos com eles e elas”. Para o autor, muitos professores se consideram os únicos detentores do conhecimento, negando aos alunos a oportunidade de expressar (com gestos ou palavras) suas impressões em relação aos conteúdos propostos nas aulas.

Gerações de educadores, preparados para “trabalhar conteúdos”, se desesperam na busca de formulas atrativas de “envolver os alunos”. Nos melhores casos, ansiosos em bem cumprir a sua missão, são incapazes de ouvir da outro/a meninos e meninas que estão em suas salas. Quando muito, jovens e adolescente são “convidados” a intervir apenas para complementar ou “ilustrar” as narrativas dos professores. “Tomazi Lopes Junior, 2004, p. 64).

Nessas condições, se faz necessário que os professores estejam disposto a aprender o que os jovens e adolescente tem a ensinar sobre o mundo. EM outras palavras, é preciso que o professor de sociologia extraia das constatações embasadas no cotidiano do aluno, um ponto de partida para a construção do saber sociológico.

PROBLEMAS DE ORDEM ADMINISTRATIVA

Atualmente, na maioria das escolas em Recife a carga horária da sociologia só admite uma aula semanal da disciplina em cada turma, distribuídas entre as três séries do ensino médio e muitas vezes dispostas entre os turnos manhã, tarde e noite. Há ainda uma maioria de escolas que adotam um sistema de semestralidade, onde em um semestre é ministrada toda a carga horária anual das disciplinas das ciências humanas (História, Geografia, Sociologia e Filosofia) e de linguagens e código (Língua Estrangeiras); e no outros, as disciplinas das ciências da natureza (Física, Química, Biologia e Matemática).

Nessas condições, o número de turmas que o professor de sociologia possui depende da quantidade de sua carga horária e do modelo adotado pela escola, anual ou semestral. No modelo anual, a carga horaria semanal se encontra dividida da seguinte forma: Para aqueles que possuem 20 horas/aulas, são 16 horas/aulas de efetividade regência de classe em 16 turmas diferentes e 4 horas/aulas destinadas ao planejamento de área. Isso significa que os professores que possuam 40 horas/aula terão o dobro de turmas, ou seja, 32 horas/aulas semanais de efetiva regência de classe e 8 horas/aulas para planejamento. No modelo semestral o professor ministra aulas em parte de suas turmas durante um semestre, com uma quantidade maior de aulas semanais e cumprindo todo conteúdo da disciplina destinada ao ano letivo, no outro semestre, ele faz o mesmo com as turmas que restaram.

Nos turnos manhã e tarde, o tempo de duração de uma aula é de 45 minutos. Já no turno da noite a situação da disciplina se agrava mais ainda, pois o tempo de duração de uma aula e reduzido para 35 minutos. É importante destacar que grande parte do público matriculado no turno da noite e de alunos trabalhadores, que não tem um horário-limite de

tolerância para entrar nas salas de aula. Em outras palavras, se o primeiro tempo deveria começar as 18:45 por exemplo, a aula só se inicia, efetivamente, entre quinze e vinte minutos depois, pois é o horário que os alunos começam a chegar à escola.

Segundo os professores consultados 45 ou 35 minutos é um tempo muito curto para execução de aula de fato, visto que dentro dela deve haver ainda um espaço destinado à explanação dos conteúdos, participação, retirada de dúvidas, controle de frequência dos alunos, além de eventuais interrupções geradas por atos de indisciplinas.

Esse modelo de carga horária inviabiliza a promoção de debates e discussões mais aprofundadas durante as aulas, pois diminuem a participação dos alunos, decrescendo assim o estímulo ao pensamento crítico em relação aos temas propostos.

Além disso, outra queixa constante dos professores de sociologia é a sobre carga de seu trabalho, que está ligada principalmente ao grande número de turmas que eles precisam assumir para completar sua carga horária. Na cidade do Recife, a secretária de educação determinou que as escolas de ensino médio só pudessem criar turmas com, no mínimo, 35 alunos. Mas como a demanda é muito grande, as salas de aula acabam chegando a ter em média 50 alunos por turma, muitas vezes até ultrapassam este número. Para um professor de sociologia com uma carga horária de 40 horas semanais, multiplicando-se o número de suas turmas (32) com a média de alunos por turma (50), ele terá aproximadamente 1600 alunos. Além disso, o professor precisa dar conta de 32 diários de classes com preenchimento de frequência, notas, conteúdos, acompanhamento dos alunos etc...

Salvo raras exceções, muitos professores não conseguem preencher sua carga horária inteira em uma única escola, precisando, então, deslocar-se de uma escola para outra e se desdobrando entre os três turnos do dia.

Além disso, o professor está submetido à adaptação aos diferentes regulamentos internos das escolas, que variam em torno de questões como horários de início e término das aulas, formas de planejamento, modelos de provas, calendários de atividades, etc...

A alternativa encontrada por alguns professores de sociologia para concentrar toda a sua carga horária em uma mesma escola é ministrando aulas de outras disciplinas como filosofia e história. São considerados privilegiados aqueles professores que têm toda a sua carga horária preenchida somente com a sociologia e em uma única escola.

O material didático também consiste em um problema para o ensino de sociologia na educação básica. Desde a reimplantação da disciplina no ensino médio, efetivamente a partir do ano letivo de 2009, iniciou-se uma grande preocupação com a utilização de um material didático próprio. Segundo os professores, o fato de a sociologia não possuir livro didático,

afeta o processo de ensino aprendido dos alunos, pois eles não possuem um suporte pedagógico que sirva como auxílio para realização de provas.

Na tentativa de amenizar essa situação, alguns professores preferem elaborar uma pequena apostila com os conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo e solicitar aos alunos que tirem cópias dessas apostilas, alegando falta de recursos financeiros.

Outra estratégia bastante utilizada pelos professores é a elaboração de pequenos resumos dos conteúdos transcritos no quadro branco, que conseqüentemente, reduz ainda mais o tempo de aula, que já é curto.

Outra saída bastante utilizada pelos professores é a cópia de textos soltos para serem trabalhados nas aulas. No entanto, essa alternativa está condicionada às restrições internas de cada escola, pois geralmente é estipulado um limite de quantidade mensal de cópias por professor.

No que tange a questão do livro didático, MORAES (2009) afirma que no caso específico da Sociologia, o livro didático aparece como um objeto paradoxal, pois apesar da sociologia aparecer como uma disciplina de ciclo básico, do núcleo comum, utilizada em um curso de graduação em Pedagogia e Direito, por exemplo, que mais instituições particulares pouco diferem do Ensino Médio.

No primeiro semestre de 2011, ocorreu o processo de escolha do livro didático de Sociologia para ser utilizado a partir de 2012, fornecido pelo Ministério da Educação por intermédio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a disciplina teve apenas duas opções de livros selecionados para escolha dos professores, ambos publicados em volume único para os três anos do Ensino Médio. Acredito que, com a chegada dos novos livros de Sociologia, o rendimento da disciplina irá melhorar bastante, no entanto, é necessário que os professores de Ensino Médio também mantenham um olhar crítico em relação aos livros didáticos propostos.

Os professores, submetidos à proletarização a que os governos os condenaram, não assumem uma postura de pesquisadores, de produtores culturais, de (trabalhadores) intelectuais, mas de trabalhadores manuais, de carregadores de manuais, e se submetem aos ditames do livro didático, e sem conhecerem aqueles resultados de pesquisas sobre os livros didáticos, acabam usando acriticamente tais livros, deixando falar mais alto a voz do autor no livro, consagrando as escolhas de conteúdos feitos por este. (MORAES, 2009, p. 21).

Nessa perspectiva para assumir uma postura mais ativa os professores do Ensino Médio precisam analisar minuciosamente o que está posto no livro didático, examinando seus conteúdos e seus dados históricos, e não apenas utilizá-los como seu único e inseparável instrumento de apoio às aulas.

Além disso, se faz necessárias que os professores procurem sempre inovar seu material de trabalho, explorando bem todos os recursos didáticos fornecidos pela escola (revistas, jornais, folders de campanha que contenham temas da disciplina, gibis, livros, imagens, projetor de mídias, filmes, músicas, jogos, dentro outros). Essa alternativa é altamente válida não só para os alunos, mas também para os professores porque facilita e dinamiza seu trabalho bem como proporciona a oportunidade de testar novas técnicas e estimular sua aprendizagem e criatividade.

Outra dificuldade de ordem burocrática-administrativa constatada pelos professores de Sociologia, é o fato de muitos alunos questionarem o porquê de estudarem Sociologia, já que ela não está presente nas provas de vestibulares. Segundo OLIVEIRA e COSTA (2009, p. 164), a [...] Sociologia aparece para os alunos como disciplina “chata”, sem sentido prático e desfocada de todos os outros conteúdos. De acordo com PAIM e SANTOS (2009), a rejeição dos alunos em relação à Sociologia ocorre dentro de um ambiente de educação utilitarista, essencialmente pro influência das ideias do liberalismo econômico (que considera a educação como mercadoria).

Segundo os autores, outro fator contribuinte para o descrédito da disciplina por parte dos alunos é a existência de outras formas de acesso ao conhecimento diferente da escola, e essas outras são mais sedutoras.

O resultado desse embate é que a escola se tornou desagradável, pois sua estrutura é essencialmente voltada para a domesticação dos indivíduos, é o espaço por excelência da ordem, mas as necessidades advindas da tradição que atribua à escola o papel da transmissora oficial do conhecimento racional erudito tornavam a escola inquestionável; todavia no mundo pós-moderno, a escola não é mais este único ambiente de transmissão de conhecimento, a sedução do mundo externo subverteu a importância da escola pela necessidade constante do prazer. (PAIM; SANTOS, 2009, p. 134).

Segundo OLIVEIRA e COSTA (2009), há uma contradição entre o ritual escolar e o mundo vivido pelos alunos fora da escola, ou seja, nos shoppings centers, na internet, na televisão, etc.

É claro que a Sociologia ainda é muito recente nos currículos escolares e possui pouco espaço nos exames de vestibulares, porém não podemos esquecer que ela está presente, mesmo que de maneira discreta, nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio, que serve como porta de entrada para a maioria das universidades federais do país, como também para faculdades particulares. Mesmo que historicamente contextualizada, a Sociologia está sempre presente nas questões interdisciplinares além de aparecer, muitas vezes, nas propostas de redação, onde cobra-se a elaboração de textos dissertativos-argumentativos com temas essencialmente sociológicos.

QUEIXAS SOBRE A FORMAÇÃO

A meu ver, a raiz das dificuldades em transpor didaticamente os conhecimentos sociológicos decorre da pouca tradição do ensino de Sociologia na educação básica. Conseqüentemente, esse fato gerou a pequena produção de material didático para a disciplina, bem como a escassez de pesquisas relacionadas à questão da Sociologia no Ensino Médio. Soma-se ainda o notável desinteresse dos cientistas sociais acadêmicos com as licenciaturas em Ciências Sociais, o que desnorreia mais ainda os professores desde sua formação universitária.

Segundo SARANDY (2004), os cursos de Ciências Sociais estão mais voltados para formação do pesquisador (bacharelado) e para a reprodução de uma dicotomia entre ensino e pesquisa. Mesmo que a Sociologia esteja bastante ligado à educação é a figura do pesquisador. Que é posta em ascensão, não a do professor.

Para LIMA (2009), discutir a dicotomia na formação do professor de Ensino Básico e do pesquisador é uma questão imprescindível para se entender como estão configurado a maioria dos cursos de ciências sociais no Brasil. o autor destaca as diferenças existentes na formação de bacharéis e licenciados em ciências sociais, e enfatiza as dificuldades enfrentadas pelos que escolhem a licenciatura.

Ao optar pela educação básica, muitas vezes não há preocupação com a formação teórica e para pesquisa deste futuro profissional. E dessa maneira, o licenciado sofre em dobro. Por um lado, não tem a atenção adequada no que se refere à formação teórica, tanto no âmbito das Ciências Sociais quanto em outras áreas, prejudicada pela pouca atenção dada pelas universidades no desenvolvimento de seus cursos de licenciatura. (LIMA, 2009, p. 200).

Nessa perspectiva, a formação do professor de Sociologia perpassa dois eixos centrais. A aquisição de conteúdos, representados pelas disciplinas específicas das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia); e o aprendizado sobre as metodologias de ensino, representadas pelas disciplinas pedagógicas (estágio e práticas de ensino). No entanto, o problema das licenciaturas em ciências sociais reside na dificuldade de fazer com que esses dois eixos caminhem juntos.

A defasagem da formação universitária dos professores de Sociologia do Ensino Médio vai de encontro ao problema da desvalorização das licenciaturas em geral. Esse fato é um dos meios de manifestação simbólica do papel que é dado à figura do professor na sociedade brasileira, fruto de nossa própria formação social e do processo de escolarização que aqui foi enraizado.

Como afirma Florestan Fernandes (1989, p. 22), o sistema educacional brasileiro [...] revelou-se muito árido, a mentalidade reinante demasiado tosca-autoritária ao extremo, reduzindo o professor aos papéis mínimos de transmissor passivo de “saber” importado e os alunos aquilo que os filósofos e os educadores criticam chamaram, negando-a, a célebre “pagina em branco”.

Conforme sinaliza demo (2004), aos olhos de muitos brasileiros, o trabalho do professor se limita em atividade que pressupõe cansaço, desgaste físico e psicológico, com uma péssima remuneração, constituindo-se uma visão que carrega várias estigmas. O estigmas ao qual me refiro não é o atributo pessoal, mas uma forma de designação social e que tem relação com a identidade social dos professores.

Partindo dessa visão deteriorada em relação aos professores, ela seria reproduzida também pela universidade, que enxergam ao ser professor de educação, básica seria reproduzida também pela universidade, que enxergam no ser professor de educação básica, uma profissão de prestígio social inferior por conta do pequeno retorno financeiro e de suas condições de trabalho precárias. Segundo os professores consultados, a universidade legitima a segregação entre os que atuam como pesquisadores e os que atuam nas salas de aula de ensino básico, criando duas classes de cientistas sociais distintas e hierarquizadas.

Mesmo que a abertura para a pesquisa seja “prioritária” para os bacharelados, não podemos esquecer que o professor também é um pesquisador, pois ele precisa enriquecer o saber constantemente. Conforme nos ensina Freire (1996, p. 32) “[...] ensinar exige pesquisa: Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses “quefazer” se encontram um no corpo do outro. Faz parte da natureza da prática docente e indagação, a busca, a pesquisa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acúmulo de conhecimento sociológico (teoria) obtidos nas licenciaturas em ciências sociais é fortalecido na prática e produzido por ela.

Em outras palavras, mesmo com todos os desafios inerentes à sociologia no ensino médio, a prática de ensino mais eficaz é aquela na qual se admite que os processos de ensino aprendizagem não dependem somente de técnicas didáticas, mas de uma série de fatores que envolvem o saber docente e a necessidade de pedagogizar os conteúdos produzidos pela sociologia (Oliveira, Costa, 2009).

Apesar da graduação em licenciatura ter uma grande curricular voltada para formação docente, com disciplinas de estágios e práticas de ensino, sabe-se que somente quando estamos efetivamente em sala de aula é que temos condições de realização de nosso trabalho, pois a didática do professor não pode ser transmitida como uma “receita”.

De acordo com Pimenta e Lima (2004), o exercício docente é uma prática social – é uma forma de intervenção na realidade social – realizada por meio de educação e das instituições sociais.

A atividade docente é a função simultânea de prática e ação. Portanto, na tentativa de driblar as atuais dificuldades enfrentadas pela sociologia no ensino médio, é necessário, primeiramente, que o professor tenha clareza do papel cognitivo da disciplina na formação dos jovens e busque elaborar ações que ajudem a demarcar seu espaço no ambiente escolar.

O envolvimento em projetos, a participação efetiva nos eventos sociais da escola (reunião de pais, festas de datas comemorativas, campanhas de arrecadação de doativos, etc...) e as intervenções no conselho de classe, são algumas alternativas possíveis de mostrar a “cara” da sociologia na escola.

Considerando as questões discutidas acima, quanto as dificuldades metodológicas do ensino de sociologia, é preciso que haja uma reunião de esforços que: primeiro, não dissocie teoria e prática, segundo, ultrapasse o modelo tecnicista, e por último, que as licenciaturas em ciências sociais estabeleçam e fortaleçam laços com a escola-pesquisa, produção de conhecimento que estão atuando no ensino médio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394/96, Brasília, 1997.

BOMENY, Helena; MEDEIROS, Bianca Freire. Tempos Modernos, Temos de Sociologia. São Paulo: Ed. do Brasil, 2010.

DEMO, Pedro. Professor do Futuro e Reconstrução do Conhecimento. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2004 (Coleção Temas Sociais).

FERNANDES, Florestan. O Desafio Educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 39ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernands (Orgs). A Sociologia Vai à Escola. História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009.

LIMA, R. M. de. A Sociologia no Ensino Básico: Desafios e dilemas. In: HANDFAS, Anita e Oliveira, Luiz Fernandes de (Orgs). A Sociologia Vai à Escola: História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ; 2009, p. 197-202.

MORAES, Amaury César. Desafios para a implantação do Ensino de Sociologia na escola média brasileira. In: HANDFAS, Anita e Oliveira, Luiz Fernandes de (Orgs). A Sociologia Vai à Escola: História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009, p. 19-29.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Material Didático, novas tecnologias e Ensino de Sociologia. In: HANDFAS, Anita e Oiveira, Luiz Fernandes de

(Orgs). A Sociologia Vai à Escola: História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009, p. 15-170.

PAIM, Rodrigo; SANTOS, Sebastião. Nunca Estudei e Não Gostei: O Desafio de Quebrar Preconceitos Sobre o Ensino de Sociologia. In: HANDFAL, Anita e Oliveira. Luiz Fernandes de. (Orgs). A Sociologia Vai à Escola: História, Ensino e Docência. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009, p. 125-140.

PERRENOUD, P. Ensinar: Agir na Urgência, Decidir na Incerteza. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. In: CARVALHO, L.M.G. de (Org). Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussões de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Unijui, 2004, p. 113 – 130.

TARDIF, Maurice. Saberes Docentes e Formação Profissional. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TOMAZI, Nelson Dacio; LOPEZ Júnior, Edimilson Lopez. Uma Angústia e Duas Reflexões. In: Carvalho, L.M.G. de (Org). Sociologia e Ensino em Debate: Experiências e Discussões de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 61 – 75.

TOMAZI, Nelson Dacio. Sociologia Para o Ensino Médio. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.